

A morte desses dois cidadãos, como de um terceiro, pacifista, que recebeu o Prêmio Nobel da Paz, e consequentemente natural do radicalismo existente neste mundo miserável. É uma pena.

Três grandes decepções sofri em toda minha vida política. Após três décadas, experimentávamos neste País um clima de possível mudança nas estruturas políticas, já que a corrupção havia devorado toda a estrutura política da Nação, fruto de 15 anos de ditadura. Veio a primeira grande decepção: a renúncia do Sr. Jânio Quadros, que representava, por certo, a esperança de todo o povo brasileiro de banir esses processos indecorosos, vergonhosos, que mancharam e continuam manchando a própria fisionomia democrática do País.

A segunda decepção, logo em seguida: John Kennedy. Apresentava-se, assim, como a esperança para forçar a mudança das estruturas, não apenas do Brasil, mas da América Latina. Eis que, a 22 de novembro de 1963, perde o Brasil a grande oportunidade de mudança de rumos, perde a América Latina o seu grande advogado, perde o mundo um grande líder.

E agora, despontando vitoriosos à Presidência dos Estados Unidos da América do Norte, para impedir e neutralizar a ação nefasta dos grupos subservientes do Brasil e da América Latina, que conungam com os corruptores, que arruinam parte da humanidade, eis que perde o Brasil a grande esperança, perde a América Latina o grande líder, e perde o mundo a perspectiva de uma grande liderança.

Hoje, Sr. Presidente, é um dia de profunda tristeza, e consternação. Sou homem altamente sentimental. Pronunciei-me aqui favoravelmente a essa candidatura. Já havia programado a minha viagem, comprado uma passagem a prestação para ir aos Estados Unidos da América, a fim de pregar em todos os recantos, assim como fiz em 1960, pregando a candidatura do Sr. Jânio Quadros, na esperança de que pudéssemos neutralizar a corrupção. Mas vejo, Sr. Presidente, que vou continuar, desgraçadamente mergulhado nesse lamaçal de podridão e de corrupção em que estão o Brasil e a América Latina, sem saber se daqui a 20 anos continuarei a enxergar essa imundície, essa corrupção, essa exploração do homem pelo homem, a liquidar todas as esperanças dos países subdesenvolvidos. Porque se perdemos um Kennedy, John, se perdemos um Robert Kennedy, não teremos condições de ver eleito um novo presidente dos Estados Unidos da América, que possa modificar essa política nefasta do Departamento de Estado. Se eles foram liquidados, que condições teremos nós, se somos uma filial até de certa forma desmoralizada? (Muito bem.)



R. MOTENEGRO DUARTE:

(Comunicação. Lê) — Sr. Presidente, Srs. Deputados, a morte de Robert Kennedy é fato que abala não só os Estados Unidos da América do Norte como todo o mundo que encontra no bravo Senador as condições para participar da grande reformulação política do Ocidente, tenta a em vão, e para com a vida pelo seu ilustre irmão, o Presidente John Kennedy.

Preocupado com as dificuldades enfrentadas pela juventude, para encontrar seu ajustamento com um mundo que hostiliza, dedicado à causa daqueles que em seu País são oprimidos e humilhados, Robert Kennedy voltou também suas vistas para os países subdesenvolvidos e especialmente para a América Latina.

Sua luta era acompanhado por nós mais jovens, que víamos no grande parlamentar a voz corajosa que se levantava em defesa daqueles que mais dificuldades têm em se fazer ouvir.

Infelizmente, hoje, os que podem mudar são derrubados, por todas as

formas, pela reação dos que se sentem prejudicados em seus privilégios, pelo ódio dos que não desejam a renovação do poder, pelas coligações políticas, econômicas e sociais, que tentam manter a humanidade em estado sub-humano.

Somente os grandes líderes, que pregam a paz, a concórdia, o progresso com liberdade, o respeito e o interesse pelos mais fracos são abatidos.

Continua, porém, a carreira daqueles que defendem a luta, o fratricídio, a intolerância e a mediocridade.

Reconhecemos as contradições e as dificuldades que enfrentou Robert Kennedy. Quem não as tem, principalmente em sociedade complexa, heterogênea, politizada como a norte-americana?

Todos, porém, nele reconheciam o grande paladino da liberdade, da paz, da compreensão, do crescimento dos povos e da prosperidade dos homens. E para nós, jovens que iniciamos a vida pública, na qual Kennedy desenvolvia suas atividades há poucos anos, sentimos a mesma responsabilidade que o levou a empunhar a bandeira que a morte de John Kennedy lançou por terra.

Malgrado as dificuldades, as incompreensões, as intolerâncias, é indispensável que todas as forças sejam mobilizadas para que as Américas harmonizem suas correntes de opinião, em torno de denominador comum que deve ser o respeito à pessoa humana e às soberanias nacionais.

Em Dallas, como em Los Angeles não foi abatido um Kennedy, foi atingida a própria humanidade, no que ela tem de mais legítimo e sublime, o ideal da liberdade e o interesse de servir.

A Robert Kennedy, as homenagens que sempre lhe prestamos em vida e agora na morte e a sua família e ao Povo Norte Americano, os votos de um jovem político brasileiro, de que seu sacrifício não sentido por todos, seja afinal, capaz, de iniciar condições para uma vida social mais harmoniosa e mais justa. (Muito bem.)

O SR. SADI BOGADO:

(Comunicação. Ser revisão do orador) — Sr. Presidente, Srs. Deputados, ontem, baseado em notícia inserida no "Correio Braziliense", critiquei aquela nota segundo a qual o Sr. Presidente da República não aceitava insinuações, ou tentativas dos estudantes para uma possível trama de derrubada do Governo.

Repudiei as insinuações e aleguei que os estudantes não estão tramando a derrubada do Governo. Analisei a situação, declarando que estão necessitando de um tratamento mais digno e de atendimento a seus justos anseios.

Disse mesmo que não poderia aceitar fossem atribuídas ao Sr. Presidente da República tais insinuações. Hoje, Sr. Presidente, leio que o Senhor Presidente da República desmentiu aquela nota, aquela possível insinuação que teria feito. É necessário, no entanto, que o Presidente da República, não só desmintas notas maliciosas, como a que foi feita, atribuindo à juventude tramas de golpes — porque a nossa juventude não é golpista, a nossa juventude tem despreendimento e coragem e saberá agir à altura no momento devido — mas se sensibilize com os problemas da juventude. É preciso que o Sr. Presidente da República não trate o jovem, particularmente o estudante universitário como se este fosse uma criança, ameaçando-o de castigo. O Sr. Presidente da República, como supremo mandatário do País, deve procurar ver quais os seus auxiliares que não estão cumprindo rigorosamente a sua missão. Sr. Presidente, se trama há, será dos responsáveis pelos destinos da Nação que não estão dando aos estudantes brasileiros as atenções que lhes são devidas e reagindo às universidades brasileiras as verbas

necessárias para bem desempenhar a sua missão. Se trama há, há de ser desses responsáveis pelos destinos do Governo que estão deixando as escolas serem fechadas, por falta total de material de ensino.

Sr. Presidente vem-se ocorrendo no Brasil, uma série de greves. Vamos procurar as suas razões e verificamos que se trata da falta de verba para o funcionamento adequado das escolas. Greves em Santa Catarina, em São Paulo, no Rio de Janeiro, onde toda a Universidade do Rio de Janeiro se declarou em greve, a Escola de Economia entrou em greve, porque não têm a mínima condição para assistir aos alunos e cumprir as suas finalidades. É para isso que o Governo deve atentar. É para essa sabotagem que há contra o ensino, para esse corte imenso de verbas que houve nas universidades brasileiras.

Quero aqui chamar particularmente a atenção para o caso da Universidade do meu Estado, a Universidade Federal Fluminense que sofreu um corte de mais de 56% na sua previsão orçamentária. Além de sua verba cortada, outras não têm sido pagas, cujas não têm sido fornecidas devidamente à Universidade, fazendo com que as escolas não possam funcionar a contento e levando o estudante a verdadeiro desespero.

Ai está, Sr. Presidente, uma das principais razões do descontentamento do estudante brasileiro, sem escolas, sem vagas para o ingresso na universidade e sem condições mínimas para o estudo. É para isso que deve atentar o Sr. Presidente da República. Não quero entrar aqui nas outras razões, já sobejamente conhecidas: estrutura que temos e a mentalidade dominante. Mas desejo chamar a atenção do Sr. Presidente da República no sentido de que procure solucionar o problema da universidade brasileira, fornecendo-lhes as verbas consignadas no orçamento e mandando pagar às escolas aquilo que lhes é devido. Particularmente chamo a atenção do Sr. Ministro da Educação, como ontem já fiz, para o caso dos estudantes excedentes, que inclusive ganharam mandado de segurança, pois foram levados para outras Faculdades que não aquelas em que fizeram os seus vestibulares. Sr. Exa., assumiu com eles o compromisso de pagar bolsas de manutenção e o Ministério da Educação está negando aos estudantes essa ajuda, esse direito.

Sr. Presidente, fica aqui o meu apelo ao Sr. Presidente da República que S. Exa. reflita, pense bem, e procure ver quem está realmente criando situações difíceis para o seu Governo, se são os estudantes que reclamam por direito e justiça, ou os seus auxiliares que não estão cumprindo o seu dever. (Muito bem.)

O SR. EMÍLIO MURAD:

(Comunicação — Ser revisão do orador) — Sr. Presidente, Srs. Deputados, venho juntar a minha voz — voz de um homem sensível, humano e cristão — à daqueles que por esta tribuna passaram e se referiram ao brutal assassinato de Robert Kennedy.

Recebi esta notícia, Sr. Presidente, como, no ano passado, quando me encontrava em São Paulo, soube do falecimento do meu irmão mais querido. Sensibilizou-me o fato, e passei a raciocinar, a tentar fazer uma análise do que está ocorrendo não só nos Estados Unidos, como no mundo inteiro. Então cheguei à conclusão muito banal, e popular de que esse a louca no mundos. Não é possível que em todas as partes do mundo se verifiquem agitações de tal ordem, em que a vida humana é o que menos vale, em que a vida humana é o que menos pesa.

O mundo inteiro, hoje, Sr. Presidente, exige do famoso e afamado FBI um esclarecimento, não só do caso de Robert

Kennedy, mas de Martin Luther King, de John Kennedy e de muitos outros. Esta instituição americana, que tem suas garras espalhadas pelo mundo inteiro, que tem suas publicações periódicas e se diz solucionadora de todos os problemas policiais, está na obrigação de trazer ao mundo um esclarecimento sobre o que está ocorrendo naquele país. John Kennedy, Luther King, Robert Kennedy não são somente homens norte-americanos. São homens do mundo. São homens que se constituíram na esperança do mundo de hoje, já quase sem esperanças para o seu futuro.

Sr. Presidente, que o FBI, que o Governo americano, que a Justiça americana deem ao mundo uma solução para esse processo desencadeado nos Estados Unidos. E oxalá, Sr. Presidente, a vertigem da violência, a vertigem do poder e da grandeza não seja o início de um processo de autodestruição daquele grandioso povo da nação americana. Oxalá Deus se compadeça do povo americano, Deus se compadeça do mundo. (Muito bem.)

O SR. JOSÉ MARIA MAGALHÃES

(Comunicação — Sem revisão do orador) — Sr. Presidente, há vários dias a «Rádio Educadora», de Brasília e a «Rádio Itatiaia», de Belo Horizonte, estão quase sem condições de cumprir o seu desiderato de bem informar a opinião pública, em decorrência de defeito do sistema de telex, que favorece essas duas emissoras nesse objetivo.

Faço, portanto, Sr. Presidente, um apelo ao Sr. Ministro das Comunicações, Dr. Carlos Simas, para que providencie junto ao Diretor do Serviço de Telecomunicações no sentido de que sejam feitos os reparos necessários no telex que serve à «Rádio Educadora», de Brasília e à «Rádio Itatiaia» de Belo Horizonte. (Muito bem.)

O SR. PADRE NOBRE:

(Comunicação — Sem revisão do orador) — Sr. Presidente, quero dar ciência ao povo brasileiro de que aqueles projetos — e são dois tramitando nesta Casa — que se referem ao reconhecimento oficial dos Cursos de Filosofia e Teologia nos Seminários Maiores no Brasil são de máxima importância para a educação, sobretudo em cidades do interior onde os professores em geral carecem de faculdades por não terem possibilidade de frequentá-las.

O Projeto 257-A será examinado pela Comissão de Constituição e Justiça que lhe dará, naturalmente, pleno direito de juridicidade e constitucionalidade. Já pedi para relatá-lo na Comissão de Educação e Cultura, a fim de dar maior pressa à lei que reconhecerá, de uma vez por todas e para o bem de tantos brasileiros, o ensino de filosofia e teologia nos Seminários Maiores no Brasil.

Era a comunicação que tinha a fazer. (Muito bem.)

O SR. DOIN VIEIRA:

(Comunicação — Sem revisão do orador) — Sr. Presidente, o Diário Oficial de ontem, que hoje circula, publica em sua primeira página a Lei 5.449, de 4 de junho de 1968 que declara de interesse da segurança nacional, nos termos do Art. 16, § 1º, alínea b da Constituição, os municípios que especifica e dá outras providências.

Sr. Presidente, não necessitamos lembrar a forma pela qual foi aprovada essa lei e o doloroso episódio que desencadeou para o Congresso Nacional.

Utilizando dispositivo constitucional que assegura a aprovação de leis por prescrição de prazo, a Maioria obstaculou